

“Porto Maravilha”: tradição e inovação nos museus da zona portuária do Rio de Janeiro

Regina Coeli Mendes Valadão¹
Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei²

RESUMO

Com base no projeto Revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro levantamos algumas questões sobre a valorização da memória e a preservação do patrimônio para a população local e sobre as tensões que existem entre os benefícios econômicos, sociais e culturais que o projeto julga oferecer à cidade. Procuramos identificar na proposta “Porto Maravilha” a possível tensão entre espaços e lugares, ao considerar as memórias de ontem e as memórias de amanhã. Colocamos em diálogo, à luz das questões levantadas sobre o tradicional e o contemporâneo, dois museus locais: o Instituto de Pesquisa e Memorial dos Pretos Novos, como representante da memória - tradição, e o Museu do Amanhã (projeto já aprovado), representando a memória e patrimônio do futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Zona Portuária do Rio de Janeiro; Memória; Patrimônio; Porto Maravilha; Museu do Amanhã; Instituto de Pesquisa e Memorial dos Pretos Novos

ABSTRACT

Based on the Revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro project some questions are proposed about memory and heritage preservation for the local population, as well as on the tensions that may exist between the economic, social and cultural benefits that the project judges to offer to the city. We try to identify in the “Porto Maravilha” project the possible tensions between spaces and places, considering the memories of yesterday and the memories of tomorrow. We put into dialogue, regarding the questions raised about tradition and contemporaneity, two local museums: the Instituto de Pesquisa e Memorial dos Pretos Novos, as a representative of memory - tradition, and the Museu do Amanhã (project already approved), representing the memory and heritage of the future.

KEY-WORDS: Zona Portuária do Rio de Janeiro; Memory and Heritage; Porto Maravilha; Museu do Amanhã; Instituto de Pesquisa e Memorial dos Pretos Novos

¹Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Gama Filho. Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior e em Arte Cultura e Sociedade no Brasil da Colônia à República pela Universidade Veiga de Almeida.

²Graduada em Biblioteconomia e Documentação (USU), Mestrado em Ciência da Informação (UFRJ) e Doutorado em Comunicação e Cultura (UFRJ). Presidente da ISKO-Brasil (International Society for Knowledge Organization – Capítulo Brasileiro). Professora Associada III da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (mestrado e doutorado).

(...) uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança, de muitos diferentes momentos

MILTON SANTOS

Paisagem, memória e patrimonialização na Zona Portuária do Rio de Janeiro

A Zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, em especial os bairros de Santo Cristo, Saúde e Gamboa e parte do Centro a Praça Mauá, apresenta uma paisagem onde podemos observar as marcas do tempo e as diferentes idades e heranças, o grande legado cultural que nos foi deixado apesar do estado degradado em que se encontra.

Através de suas ruas estreitas e sinuosas, da arquitetura de suas casas, igrejas, fortaleza, praças podemos contar parte da história da cidade do Rio de Janeiro. É um espaço de muitas escritas, umas sobre as outras como nos mostra Milton Santos (2008, p.73). Um espaço simbólico com rastros de memórias de tempos de glória, lutas e sofrimento. Espaço físico que se transforma com as comunidades que lá viveram e vivem, além dos impactos sofridos pela política e economia de cada período histórico.

As cidades são espaços urbanos reais, como nos mostram as imagens de satélite que hoje habitam nossos computadores, mas são, sobretudo, espaços imaginados por cada um de nós, na revolução criadora de nossa memória. A cidade excede a representação que cada pessoa faz dela e, como afirma Henry-Pierre Jeudy (2005), ela se oferece e se retrai segundo a maneira como é apreendida. Tomando-a como uma paisagem, ou por um enquadramento fotográfico circunstancial, construímos sua imagem a partir da tensão entre o que vemos e o que imaginamos, entre o visível e o invisível.

Considerando as cidades como itens de uma coleção, ainda que de natureza virtual, a exemplo daquela que a UNESCO criou e denominou de Memória do Mundo, podemos discutir quais são os critérios escolhidos para a patrimonialização de um conjunto de edificações, quem os determina, que implicações existiriam para os moradores quando da transformação de um objeto em patrimônio

(DODEBEI; STORINO, 2007).

Neste texto, lançamos uma discussão sobre o projeto de revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro, região cujo apogeu se deu com a criação do porto, memória até hoje presente na vida de seus habitantes, através das boas lembranças de épocas passadas, mas também da tristeza e do desânimo ao ver o abandono de seus bairros no presente.

Na Zona Portuária estão localizados alguns marcos da identidade afro-brasileira como a Pedra do Sal tombada pelo INEPAC - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – classificada como “monumento afro-descendente”. O monumento teve seu tombamento provisório em 23/11/1984 e o definitivo ocorreu em 11/05/1987, e está localizado na Saúde, reduto dos negros, do samba e dos ranchos. A nova Cidade do Samba, na Gamboa, também faz parte desta região que é considerada como a “Pequena África”. A região recebeu esta denominação de Heitor dos Prazeres devido à forte presença do negro nesta área, e compreendia desde o cais do porto à Cidade nova, até à Praça 11 de Junho (CARDOSO, 1987). O Cemitério dos Pretos Novos foi descoberto em 1996 e o *Instituto de Pesquisas e Memória Pretos Novos* (IPN) está localizado sobre o Cemitério, o Cais do Valongo, foi descoberto mais recentemente nas escavações realizadas na Zona Portuária juntamente com o Cais da Imperatriz. Toda essa região urbana ainda mantém suas características históricas com

suas memórias apesar do estado em que se encontra atualmente, causado pelo desgaste do tempo e pela falta de interesse e investimentos políticos e econômicos dos governos.

De acordo com as análises que fizemos sobre os projetos anteriores de intervenções urbanísticas na e para esta região, por meio de buscas em arquivos e leituras bibliográficas, observamos que nem sempre a tentativa de preservação da vida urbana local, das memórias e tradições esteve presente nestes projetos “além da pedra cal”. Em muitas ocasiões, a preservação se limitava a “casca”, quer dizer, “de tijolo, de argamassa e ferro fundido, às vezes de forma demasiadamente rígida, num compromisso com a materialidade da cidade”, sem que fossem considerados o modo de vida e sua representatividade (MOREIRA, 2004, p.14). Manter e criar têm sido um grande desafio para as intervenções urbanas, como o que preservar e para quem preservar (MOREIRA, 2004).

No atual contexto histórico de mundo globalizado, há o interesse por parte dos governos em fazer parte do marketing urbano, atraindo olhares para a cidade em busca de prestígio e desenvolvimento econômico. As cidades, principalmente os centros históricos e áreas do porto, têm seguido certo padrão. As áreas portuárias de Buenos Aires e Barcelona, entre outras, inspiraram o atual projeto de revitalização da zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, que abrange a área do porto e a histórica da cidade, e que enfrenta hoje este desafio de harmonizar o antigo e criar o novo, num embate entre tradição e o contemporâneo.

Os centros históricos se tornaram áreas valorizadas e preservá-los tem sido de grande interesse para a indústria cultural, em função da geração de um retorno econômico decorrente das atividades do turismo na cidade. No entanto, muitas vezes, a preservação dessas áreas se restringe à manutenção de cenários históricos, cidades musealizadas que projetam uma memória de futuro aos turistas, ou se igualam a parques temáticos que excluem a vida urbana local, o que se poderia chamar de ‘memória viva’. Fato semelhante a esse ocorreu no Pelourinho em Salvador, na Bahia, como nos mostra Moreira:

(...) ocorreu um processo geral de saída

da população anterior e substituição da função habitacional por entretenimento, comércio e lazer. É um caso de *tabula rasa*¹ operacionalizando a preservação da forma urbana. O conceito de parque temático – áreas de lazer (de parques a bares) onde toda a decoração ou cenografia e demais componentes da ambiência seguem um tema – explicita o entendimento do modo pelo qual a simples preservação de formas do passado adquire uma dimensão caricatural, sendo uma experiência filtrada e pasteurizada, manipulada cenograficamente com objetivos “educativos” e comerciais. (MOREIRA, 2004, p.61)

Isto acontece quando a vida urbana que ali palpita, a população local, é deslocada, não sendo incluída ao projeto. Conforme mostra Moreira (2004), o desejo de urbanidade se dá a partir do projeto; a autora usa os exemplos de torres comerciais de alta tecnologia quando são projetadas para um espaço urbano em que já está implícita a possibilidade de surgimento do tipo de urbanidade que se deseja; do mesmo modo, a segregação muitas vezes pode ser observada a partir do projeto urbano.

É muito comum observarmos, em projetos de reurbanização, mudanças no aspecto físico e social que ocasionam a gentrificação², um processo que já vem

¹Tabula rasa – é uma expressão (forma original latina) é um termo filosófico, sua variante “tábua rasa” “indica um estado em que determinado objeto se encontra”. Segundo Moreira (2004, p.17), no urbanismo a que se refere em estudos da cidade e da questão urbana ela “corresponde a um posicionamento de ruptura, daquele que pensa ou age, em relação às experiências ou concepções anteriores, em seu sentido filosófico, e também a um estado de “vazio” da matéria, como na tela branca ou

no espaço a ser "preenchido".

²Gentrificação (*gentrification*), termo "foi cunhado pela primeira vez pela socióloga inglesa Ruth Glass, a partir de seus estudos sobre Londres, em 1964. A autora usou o vocabulário para denominar o processo de expulsão da população de baixa renda em certos bairros centrais da cidade, sua substituição por moradores de classe média e a renovação das moradias, transformando completamente a forma e o conteúdo social desses espaços urbanos" (DUARTE, 2005).



Fig. 1 - Salvamento arqueológico

sendo muito estudado e debatido por estudiosos do campo do urbanismo, da geografia, das ciências sociais, entre outros. Neste processo, a valorização imobiliária e o encarecimento dos serviços da região resultariam em transformações que provocariam a expulsão da atual "comunidade", entendida como popular, homogênea e tradicional, e a atração de moradores que pertenceriam à "classe média" e desejariam consumir equipamentos de lazer e cultura reconhecidos numa "estética globalizada" (GUIMARÃES, 2003).

Tendo em vista que o projeto de revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro denominado "Porto Maravilha" propõe uma revitalização de espaços/lugares inovadora mantendo o "antigo", as memórias e os patrimônios do local, com inspiração em modelos de revitalização urbana de outras cidades, como Buenos Aires e Barcelona, quais questões relativas à memória e ao patrimônio da Zona Portuária devem ser consideradas, e que ações já foram realizadas, estão em desenvolvimento ou acontecerão no âmbito desta proposta que se diz mediadora de um diálogo entre a tradição e o contemporâneo?

Para responder a este questionamento e considerando os conceitos apropriados pelo discurso na proposta governamental é necessário identificar no atual projeto de revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro quais questões são levantadas sobre a valorização da memória e a preservação do patrimônio para a

população local, bem como que tensões existem entre os benefícios econômicos, sociais e culturais que o projeto julga oferecer à cidade. E ainda faz-se necessário verificar a existência de ações de preservação do patrimônio local em seus aspectos material e imaterial, bem como identificar na proposta "Porto Maravilha" a possível tensão entre espaços e lugares, considerando as memórias de ontem e as memórias de amanhã.

Colocamos em diálogo, à luz das questões levantadas sobre o tradicional e o contemporâneo, dois museus locais: o Instituto de Pesquisa e Memorial dos Pretos Novos, como representante da memória - tradição, e o Museu do Amanhã (projeto já aprovado), representando a memória e patrimônio do futuro.

Instituto de Pesquisa e Memorial dos Pretos Novos - IPN

A zona portuária da cidade foi marcada desde a sua ocupação, como um espaço de disputas sociais, econômicas e territoriais. Percebemos que na região há um movimento crescente relacionado à busca de tradições, lutas identitárias e simbólicas pelos afro-descendentes e o IPN é um espaço onde cabem manifestações e propagação dessas culturas.

Baseados em informações adquiridas em oficinas realizadas no próprio IPN, sabemos que o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos - IPN é uma Instituição que foi criada há 10 anos, após uma descoberta casual do Cemitério dos Pre-



Fig. 2 - Vista aérea da casa 36 – na Rua Pedro Ernesto – Gamboa – Rio de Janeiro

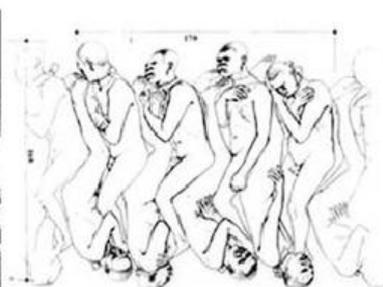


Fig. 3 – Ossadas de negros encontradas em escavações na Gamboa, Zona Portuária do Rio de Janeiro

Fonte: <http://www.sintufrj.org.br/PORTALII/pretosnovos/p2.jpg>. Acessado em 29/06/2010

tos Novos, em 1996, no processo de reforma de residência, localizada na Rua Pedro Ernesto, 36. (Fig.1 e 2).

O nome de Cemitério dos Pretos Novos está relacionado ao fato de ter sido ali o local em que eram enterrados os escravos – pretos novos - que não resistiam à viagem e morriam antes de serem comercializados no mercado do Valongo que funcionou de 1774 a 1830 (Fig. 3).

Neste local foram encontrados fragmentos de crânios e ossos humanos dentre artefatos de cerâmica, vidro, metais e outras evidências arqueológicas.³ Após o fato ser comunicado aos devidos órgãos competentes, foi enviada ao local uma equipe de profissionais da Prefeitura e do Instituto de Arqueologia Brasileira - IAB para constatação e confirmação do potencial histórico do achado. Os ossos foram levados para o IAB e lá permanecem em caixas de papelão.

O local foi transformado em sítio arqueológico e mais tarde em Centro Cultural. A proprietária, Ana Maria de La Merced, apaixonada pela histórica descoberta, e sem contar com ajuda oficial e de ONGs, transformou sua residência em local de exposição, mais tarde, após a compra de duas lojas coladas a ela criou o Instituto de Pesquisas e Memória Pretos Novos – IPN (Fig. 4).

³Texto retirado do Portal Arqueológico dos Pretos Novos. Disponível em: <<http://www.pretosnovos.com.br/index/html>>. Acesso em 24 de junho de 2011.



Fig. 4 - Sra. Ana Maria De La Merced G. G. dos Anjos, fotografias e artefatos expostos.

O IPN se caracteriza como Museu Memorial, e segundo seus responsáveis tem:

(...) a missão de pesquisar, estudar, investigar e preservar a memória da história e cultura Africana e Afro-brasileira, cuja

conservação e proteção sejam de interesse público com ênfase aos Sítios Históricos, aos Cemitérios Negros e a História da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo com a finalidade de valorizar a nossa Identidade em Diáspora”

A instituição funciona como núcleo de pesquisa, museu memorial e núcleo cultural que promove palestras, oficinas e eventos culturais como música, dança e artes plásticas. Possui um espaço cultural denominado – A Galeria de Artes Pretos Novos - onde mantém uma exposição permanente e também possibilita a exposição ao público de obras de artistas plásticos que abordem a temática afro-brasileira. Além de realizar, fomentar pesquisas, também “apóia pesquisas acadêmicas que contribuem com a historiografia, a arqueologia, e com quaisquer outras questões ligadas à escravidão assim como, com seus desdobramentos” (IPN, 2010) na atualidade.

O IPN está situado sobre o Cemitério Pretos Novos, local considerado um marco de violência simbólica, pois para os escravos eles caíam em desventura se fossem enterrados sem os seus rituais que poderiam mudar a sorte de cada um deles. No entanto, neste local seus corpos eram amontoados no centro do terreno e por lá permaneciam até serem queimados. Sua representação simbólica tem seu valor não só para a história da cidade como para a Instituição, seus integrantes, e pessoas de diversos segmentos da sociedade civil que se identificam com os ideais da promoção da igualdade do Brasil.

O cemitério dos Pretos Novos, no entanto, caiu no esquecimento, assim como a história dos negros que aqui viveram. Segundo Ortiz (2006), “nada se tem a respeito das populações africanas, o período escravocrata é um longo silêncio sobre as etnias negras que povoam o Brasil”. Conforme as oficinas realizadas no IPN, houve um período em que o Preto Novo e a Preta Nova foram apagados da memória porque não poderia haver mais o tráfico dos escravos. Mais tarde, a questão racial torna-se uma “problemática da identidade nacional”, apesar de ser “um dos elementos imprescindíveis para a construção da identidade nacional brasileira: o nacional e o popular” (ORTIZ, 2006).

No país, cresce o número de mestiços, “produto do cruzamento entre raças desiguais” e com isto surge a problemática da mestiçagem, “como tratar a identidade nacional diante da disparidade racial?” (ORTIZ, 2006). No ano de 1930, Gilberto Freyre escreve Casa Grande e Senzala e transforma a “negatividade do mestiço em positividade” (ORTIZ, 2006). O conceito de raça muda para o de cultura, o “que era mestiço torna-se nacional”, e o mito das três raças como assinala Ortiz (2006), “não somente encobre os conflitos raciais, como possibilita a todos de se reconhecerem”. Segundo Chauí (2000), na ideologia do “caráter nacional brasileiro”, a nação é formada pela mistura de três raças – índios, negros e brancos.

O Brasil é, portanto, um país miscigenado, com uma grande diversidade cultural e é para esta tradição, esta cultura do negro, sua memória e história que o IPN volta seu olhar e se constitui. Se para Ortiz (2006) “a tradição nunca é mantida integralmente”, pois o processo de rememoração não é estático, cabe neste embate entre lembrança e esquecimento a defesa de instituições como o IPN que busca evitar o esquecimento. Ao permitir a construção de novas memórias a partir de lembranças “subterrâneas” que foram silenciadas por muitos e muitos anos, os museus transformam silêncios em criações memoráveis. Conforme Le Goff “a verdade consiste em evitar o esquecimento. Existe um dever de memória, principalmente em relação

ao que dói e incomoda”. E os museus são espaços tanto de memória, como também de poder. O museu que abraça esta vereda – perspectiva do poder de memória.

(...) não está interessado apenas em democratizar o acesso aos bens culturais acumulados, mas, sobretudo, em democratizar a própria produção de bens, serviços e informações culturais. O compromisso, neste caso, não é tanto com o ter e preservar acervos, e sim com o ser espaço de relação e estímulo às novas produções, sem procurar esconder o “seu sinal de sangue”. (CHAGAS, 1998)

O IPN é um espaço de luta e resistência e foi reconhecido como instituição de Utilidade Pública pela Lei 4.822 de 07/05/2008, publicada em Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro em 09/05/2008. Atualmente o IPN é um Ponto de Cultura, selecionado no edital do Ponto de Cultura do Estado do Rio de Janeiro em edição de 2009. Pelo período de três anos estará realizando diversas oficinas atendendo a lei 10.639, com o apoio do Ministério da Cultura e a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

O Museu do Amanhã

O Museu do Amanhã é uma Instituição que este ano já começa a sair do papel e do imaginário de seus planejadores. É uma parceria do Governo Municipal com a Fundação Roberto Marinho,

faz parte do Projeto Porto Maravilha, ocupará 12,5 mil metros quadrados do píer Mauá, e terá um custo estimado em 130 milhões de reais.

O projeto foi elaborado pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava, que buscou integrar a arquitetura do Museu à paisagem da cidade do Rio de Janeiro, reaproximando o público de marcos da formação da cidade do Rio de Janeiro: o Morro da Conceição e o Morro de São Bento. Para sua criação, o arquiteto se inspirou em elementos da Mata Atlântica, além de ter estudado e considerado aspectos culturais e históricos da cidade. É o primeiro Museu com esta temática e o Brasil, segundo seus idealizadores, é o país mais indicado para alocar o Museu do Amanhã devido a sua vasta e rica biodiversidade, representando cerca de um terço de todas as espécies do planeta. Construí-lo no Rio de Janeiro, além da sua geografia, é uma homenagem ao Rio 92, um marco histórico para a conservação ambiental, da natureza e do planeta.

Segundo Abreu (2003), atualmente “a palavra de ordem é diversidade: cultural, mas também natural ou biológica”, e o Museu do Amanhã pretende cumprir essa nova proposta museológica. Como Museu de Ciência ele é diferente dos demais que trabalham com “vestígios do passado e evidências do presente”. Segundo Hugo Barreto, secretário Geral da Fundação Roberto Marinho:

O Museu vai unir ciência, tecnologia e conhecimento, e, portanto o homem, o pensamento humano, e olhar para onde tudo isto vai nos levar. Nós queremos estimular as pessoas a pensarem de forma mais consciente sob o ponto de vista ecológico, mas também sobre o modelo de vida social e civilizatório em que nós estamos inseridos. (PORTAL METÁLICA, 2010).

O objetivo do museu está relacionado à sustentabilidade, a preservação do planeta, e ao desenvolvimento, além de pretender mostrar as conseqüências da relação entre o homem e a natureza, suas ações no planeta e provocar uma reflexão sobre estas ações, para através do hoje chegar ao amanhã. A partir do presente, entrar em contato com passado



Fig. 5 – Maquete do Museu do Amanhã



Fig. 6 – A maquete e o arquiteto Santiago Calatrava

onde se encontram as causas e o futuro onde existem as possibilidades, para que se possa construir um amanhã, um futuro melhor.

Atualmente, o conhecimento científico possibilita ao homem modificar o ecossistema, transformar as espécies, incluindo a sua própria espécie, e com suas atitudes e ações alterar o planeta. A visita ao Museu e a reflexão por ele gerada poderá levar o visitante a pensar sobre que futuro ele deseja para si e seu planeta. Haverá exposições interativas seguindo o padrão dos museus da Língua Portuguesa e do Futebol de São Paulo. Também faz parte do projeto a construção de um observatório do Amanhã, que catalisará projeções científicas, cenário e diagnóstico sobre o planeta.

Sobre o projeto arquitetônico do Museu, os olhares e interpretações sobre sua forma arquitetônica variam: há os que vêem uma libélula, outros uma lagarta, uma lesma esticada, ou uma “bromeliácea”, como comenta Santiago Calatrava (Fig. 5 e 6).

Sua construção será favorável ao meio ambiente, pois será utilizado material reciclado e recursos naturais, tais como a água da baía para diminuir a temperatura interior da construção, a ventilação natural, e a captação de energia solar. Seu teto será formado por grandes abas que se movimentam, abrindo e fechando de acordo com a intensidade do sol. O Museu será dividido em dois pavimentos, sendo cinco mil metros quadrados de área para exposição, no térreo

terá um auditório, uma loja, um restaurante, salas: de exposições temporárias; de pesquisa e ações educativas e áreas administrativas. No andar superior haverá um café, um belvedere para contemplação e salas para exposições permanentes. (PORTAL METÁLICA, 2010).

Podemos considerá-lo, até mesmo por sua localização e grandeza, como um ícone do atual projeto Porto Maravilha. No entanto, o Museu do Amanhã se caracteriza como uma grande obra de arquitetura como tantas outras que vemos serem construídas em outros países, a exemplo dos famosos prédios de Zaha Adid - arquiteta de influência do construtivismo russo, com ênfase em Malevitch - no Cairo, Abou Dabi, Glasgow, Istambul, Marseille, Barcelona, entre outras cidades. Vale ressaltar que o Museu do Amanhã é um projeto com características de museu contemporâneo, a exemplo do Future Museum do ARS Electronica Center, em Linz, na Áustria sem acervo definido, sem memória local. Além disso, sua concepção não emerge dos desejos de memória da população local e sua alocação na Zona Portuária do Rio de Janeiro tem por justificativa um modelo de revitalização de áreas urbanas globalizado.

Considerações finais

O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – IPN e o Museu do Amanhã são duas Instituições distintas no processo de revitalização da Zona Portuária, cada uma com seu valor simbólico e cultural para a história da cidade do Rio de Janeiro e a

sociedade em geral. Ambas objetivam gerar conhecimentos, reflexões e atuações, sendo que uma delas o IPN está relacionada ao passado e a tradição de uma etnia que viveu e ajudou a formar a cidade, a cultura brasileira e a identidade nacional. É um espaço de luta e tensão em relação ao futuro das tradições locais, do patrimônio material e imaterial. Como eles serão vistos, pensados e trabalhados? Qual a importância que lhes serão atribuídas neste processo de reurbanização e revitalização?

Nosso desejo é o de que a revitalização não passe pelas ruas derrubando o passado e criando torres artísticas, determinando o que deve e o que não deve ser lembrado. Tradição e Inovação são aspectos de um mesmo fenômeno que é a própria Memória. Os projetos de revitalização urbana que

utilizam imóveis antigos para abrigar concepções contemporâneas de mundo aplicam já este princípio, pois, se assim não ocorresse, o equipamento urbano seria implodido para reposição por novas construções.

De acordo com Felipe Góes, secretário municipal de desenvolvimento e presidente do Instituto Pereira Passos (Portal Metálica, 2010) “a ocupação do Píer com equipamento cultural é simbólica (...) misturando modernidade com tradição”. No entanto, segundo Hobsbawn e Ranger (1984) “muitas vezes, tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”. Tanto o museu “tradicional” quanto o “contemporâneo” têm seus olhares para o futuro e para o passado, conforme os discursos aqui colocados em cheque por duas instituições: o IPN e o Museu do Amanhã.

O IPN, no presente, olha para o passado em busca de memórias adormecidas, mas é para o futuro que quer lançar o olhar à procura de menos intolerância e maior igualdade de oportunidades. O Museu do Amanhã também voltará seu olhar para o futuro do Planeta, mas precisará da análise de um ontem ecológico da humanidade para não perder o rumo.

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. Quando o campo é o arquivo: etnografias, histórias e outras memórias guardadas. Comunicação. Seminário promovido pelo CPDOC e LAH/IFCS/UFRJ. Rio, 25 e 26 de novembro, 2004.

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.) *Memória e Patrimônio: Ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.30-45.

ANJOS, Ana Maria De La Merced G.G.G. dos; PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *A saga dos Pretos Novos*. Rio de Janeiro: Secretaria de Assistência Social e de Direitos Humanos, Conselho Estadual de Direito do Negro, Rio Zumbi, 2008.

BARREIRA, Irllys Alencar F. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. *Análise Social* (V. XLII (182), 2007, 163-180).

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL, CREA-RJ. Tão longe e tão perto da cidade. CREA-RJ EM REVISTA

(out./nov. 2009). Rio de Janeiro: CONFEA/CREA, 2009.

BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN]. *Bens culturais registrados*. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em 15 de março de 2011.

BRASIL, Instituto dos Pretos Novos. *Oficinas mensais referentes aos negros escravos e a zona Portuária do Rio de Janeiro*, 2010

BRASIL, Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio. *Estudo de Impacto de Vizinhança – EIV*. Relatório de Impacto de Vizinhança do Rio de Janeiro - “Porto Maravilha”.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart, VAZ, Lilian Fessler, ALBERNAZ, Maria Paula; AIZEN, Mario, PECHMAN, Roberto Moses. *História dos bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia, Editora Index Ltda., 1987

CHAGAS, Mário. Há uma gota de sangue em cada museu. *Cadernos de sociomuseologia* (V. 13 – 1998). Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1998.

CHAGAS, Mário. *A radiosa aventura dos museus*. In: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina (org.) *E o Patrimônio?* Rio de Janeiro: UNIRIO/Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CURY, Marília Xavier. *O museu Água Vermelha e o espaço arquitetônico: Uma reflexão do processo de concepção, uso e apropriação*. Comunicação. Seminário Internacional de Museografia e Arquitetura dos Museus. Rio de Janeiro, 2005.

DODEBEI, Vera; STORINO, Cláudia. As cidades e o patrimônio cultural. In: ABREU, Regina et al. (org.) *Museus, coleções e patrimônios: Narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Gramind, 2007.

DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 1998

DUARTE, Ronaldo Goulart. *O processo de reabilitação urbana na cidade do Rio de Janeiro e suas perspectivas*. Scripta Nova, Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Universidad de Barcelona (V. IX, n. 194 (44), 1 de ago, 2005).

GAMBOA, Rio de Janeiro. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Gamboa&oldid=15696001>>. Acesso em: 8 de outubro de 2009.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio. Discursos de visibilidade e novos usos do território: o caso da Pedra do Sal. Comunicação. 32º Encontro Anual da ANPOCHS, GT 01 A cidade nas ciências sociais: teoria, pesquisa e contexto, 2003.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terrence. *A invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JEUDY, Henry-Pierre. *O espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

METÁLICA, Portal de arquitetura e construção. Disponível em: <<http://www.metálica.com.br>>. Acesso em 24 de junho de 2010.

MOREIRA, Clarissa da Costa. *A cidade contemporânea entre a tabula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Proj. História, São Paulo, (n. 10, 7-28, dez, 1993).

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEDRA DO SAL. Rio de Janeiro. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pedra_do_Sal=15696001> Acesso em: 21 de junho de 2009.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond / prefeitura do Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL, Portal Arqueológico dos Pretos Novos. Disponível em: <<http://www.pretosnovos.com.br/index.html>>. Acesso em 24 de junho de 2010.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos de geografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 6ª ed., 2008.

THIESEN, Icléia, BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante e SANTANA, Marco Aurélio (orgs). *Vozes do porto. Memória e história oral*. Rio de Janeiro: 2005.

¹Texto retirado de folheto de divulgação IPN adquirido em oficina realizada no IPN no ano de 2010.

Fontes das ilustrações

Fig. 1. Disponível em: <<http://www.sintufrij.org.br/PORTALII/cemiteriodospretosnovos.htm>>. Acesso em 29 de junho de 2010.

Fig. 2. Disponível em: <http://www.rj.org.br/sedrepahc/proj_sitio_arqueo_pretos_novos.htm>. Acesso em 29 de junho de 2010.

Fig. 3. Disponível em: <<http://www.sintufrij.org.br/PORTALII/pretosnovos/p2.jpg>>. Acesso em 29 de junho de 2010.

Fig. 4. Disponível em: <<http://www.sintufrij.org.br/PORTALII/pretosnovos/p2.jpg>>. Acesso em 29 de junho de 2010.

Fig. 5. Disponível em: <<http://www.metálica.com.br>>. Acesso em 24 de junho de 2010.

Fig. 6. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro>>. Acesso em 21 de junho de 2010.